

Leocádio José Correia: do real ao imaginário

Marilane Machado de Azevedo Maia¹

1. Introdução

Leocádio José Correia viveu na cidade de Paranaguá na segunda metade do século XX, foi médico, político, cidadão letrado e ativo com relação a questões públicas, grande parte delas construídas a partir de seu contexto familiar e político. Através de diferentes tipologias de fontes, tais como publicações em jornais do século XIX e correspondências oficiais, é possível compreender as ações deste personagem em sua vida pública, enquanto inspetor de saúde do porto de Paranaguá, inspetor paroquial de escolas na cidade de Paranaguá, deputado, vereador e intelectual.

Após a sua morte, ocorrida no ano de 1886, passaram a ser divulgados, em diferentes momentos, textos biográficos do personagem destacando alguns aspectos de sua vida, principalmente como cidadão ilustre e médico humanitário. Sua imagem também foi associada, ao longo do tempo, ao movimento espírita, para o qual o personagem é considerado um “Espírito superior”, ou “Iluminado”, havendo várias práticas de curas espirituais realizadas em seu nome. O objetivo principal deste artigo é refletir acerca das memórias e representações construídas em torno do personagem em questão após a sua morte, principalmente através de rituais fúnebres e comemorativos e textos biográficos divulgados pela imprensa logo após seu falecimento.

Pensamos nas primeiras narrativas comemorativas em homenagem a Leocádio José Correia publicadas em jornais da Província do Paraná logo após seu falecimento, assim como os rituais fúnebres e atos comemorativos, também noticiados em jornais, como *atos de memória coletiva* compartilhados por diferentes grupos naquele momento histórico. Para Joël Candau, mesmo que a memória coletiva exista somente no plano discursivo, mas não exista no concreto - já que a faculdade de memória é legada somente aos indivíduos e não ao grupo - e que este não compartilhe inteiramente das mesmas representações do passado, é possível encontrar marcos memoriais comuns a vários indivíduos dos grupos, aos quais chamou de *atos de memória coletiva*, que

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Técnica em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES.

podem ser museus, mitos, narrativas, etc.(CANDAU, 2012: 44) Os referidos atos de memória são construídos por indivíduos que tiveram algum tipo de relação com o personagem e após sua morte construíram narrativas a respeito de sua vida a partir de sua experiência pessoal com o biografado, assim, avaliamos que houve um processo de transformação das *memórias propriamente ditas* em *metamemórias* que passaram a ser compartilhadas por determinados grupos e possivelmente rejeitadas por outros.

Os grupos que compartilharam dessas narrativas contruíram uma imagem do personagem, que possivelmente não corresponde à totalidade do indivíduo que ele foi em sua vida, pois em qualquer narrativa biográfica se torna impossível registrar essa totalidade subjetiva do indivíduo biografado, além de as narrativas corresponderem a necessidades, interesses e expectativas dos grupos produtores desses discursos e das próprias construções discursivas partirem de elementos subjetivos, afetivos e próprios das experiências individuais que cada narrador vivenciou com o biografado. Este aspecto nos remete à constatação feita por Fernando Catroga, ao afirmar que a memória, além de um ato de *re-presentificação* é também uma construção seletiva, ou seja, acentua-se determinados aspectos do indivíduo biografado e recalca-se ou silencia-se outros tantos, que acabam por cair no esquecimento. (CATROGA, 2001: 46)

Pensamos ainda, que ao compartilhar de narrativas e comemorações, os grupos envolvidos construíram representações do personagem que se tornaram, ao longo do tempo, o que Joël Candau classifica como *memórias fortes*, que são as memórias massivas, coerentes, compactas e profundas que se impõem a uma grande maioria dos membros de um grupo, é uma memória organizadora, na medida em que se transforma em um importante elemento de estruturação de um grupo.(CANDAU, 2012: 44)

2. Rituais fúnebres

Os ritos, como afirmou Bourdieu, contribuem para construir simbolicamente os papéis e lugares sociais. As sociedades, ao criar ritos e nomeações, demonstram que as relações sociais são constantemente apreendidas como lugares de representações.(BOURDIEU, 1996: 82-83) A morte é um interessante objeto de ritualização e nomeação, que singulariza a figura do morto na sociedade, criando lugares sociais específicos ao morto e seus familiares. As cerimônias, homenagens,

discursos componetes de rituais fúnebres permitem vislumbrar o papel ocupado na sociedade pelo indivíduo homenageado durante sua vida, as representações que determinados grupos sociais construíram deste indivíduo, assim como o novo lugar ocupado agora pelo personagem morto, a quem são geralmente dispensados sentimentos de pesar.

Leocádio José Correia faleceu em Paranaguá, no dia 18 de maio de 1886, vítima de febre perniciosa álgida. No dia seguinte, ocorreu seu funeral, registrado nas páginas do jornal *Commercial*, dias depois. Às quatro horas da tarde apresentaram-se à câmara ardente os párocos de Paranaguá e Antonina, acompanhados da Irmandade da Misericórdia, de São Benedito, Sacramento e Rosário. Após uma breve oração, houve um desfile fúnebre pelas ruas Visconde de Nácar, Sete de Setembro, Imperador e Rosário, até a Igreja Matriz onde ocorreu a cerimônia fúnebre.

O periódico demonstra o clima de consternação que se abateu sobre a cidade afirmando que o desfile fúnebre teria sido acompanhado por cidadãos de todas as classes sociais, meninos escolares, aprendizes menores e grande número de escravos e libertos, integrantes da Câmara Municipal na qual foi vereador, do *Club Litterario*, do qual era orador e membro, da Loja Maçônica Perseverança, que o tinha em seu quadro, além das irmandades já referidas. O pátio da Igreja encontrava-se lotado pela população que para lá se deslocou. Após a cerimônia fúnebre na Igreja Matriz, onde o corpo foi encomendado pelo vigário, Padre Marcello Annunziata, foi feita a última oração fúnebre no cemitério pelo mesmo padre e os senhores Arthur de Abreu e João Eugênio, membros do *Club Litterário*, discursaram prestando homenagem ao morto. Através do discurso do Senhor João Eugênio, publicado no jornal, pode-se perceber o tom de pesar dos que lhe eram próximos e a vontade de enaltecer algumas características da vida do amigo falecido como o de cidadão exemplar, ativo nas áreas da educação, cultura e medicina sem descuidar dos aspectos familiares.

Quero cumprir um dever civico perante os restos do cidadão que, nobilitando seu nome e o de sua familia nas conquistas do talento, assás honrou sua terra e á sociedade de que era bello ornamento.

Hontem, o anjo das multidões, na phrase de illustre pensador, pousava sobre a frente desse homem ainda joven, e essa frente brilhava de inspiração e talento; e a palavra que lhe cahia dos labios, arrebatadora e entusiasta, tocava os espiritos e provocava applausos.

Hontem, o amigo do povo, devotado á causa da instrucção juvenil, vinculado a numerosos affectos, erguia bem alto o nome das sociedades litterarias e theatraes, de que era incansavel cultor, e constituia-se nas escolas o estimulo e o entusiasmo da infancia.

Ainda hontem o illustre paranaguense, apóstolo da sciencia medica, elevado ás mais gradas posições, que soube sempre honrar com esclarecida competencia, arrebatava á morte muitos enfermos, mitigava muitas dores e enxugava muitas lagrimas!

Eis o que era o Dr. Leocadio José Correia!²

O jornal relatava ainda o luto que se abateu sobre a cidade nos dias subsequentes: parentes e amigos fecharam suas casas e estabelecimentos comerciais e de recreio e não houve som de piano vindo das residências; a Capitania do Porto, a Escola de Aprendizizes, a Câmara Municipal e demais repartições públicas conservaram-se em luto oficial; escolas públicas e particulares permaneceram fechadas. O luto se estendeu à capital da província, onde o vice-presidente mandou fechar sua secretaria e fizeram o mesmo as repartições superiores de instrução pública.³

Os relatos do funeral remetem a um grande acontecimento na cidade, que deve ter mantido na memória dos participantes, por longo tempo, as marcas do evento, que se constituiu enquanto um ritual simbólico de grande importância devido ao tratamento dispensado ao personagem Leocádio José Correia, enquanto personalidade pública de expressão intelectual, política e social local. Pode ser considerado um primeiro evento memorialístico na medida em que aí são construídas as primeiras representações do personagem após seu falecimento.

3. Homenagens e discursos fúnebres na imprensa

Além dos rituais fúnebres, outros atos de memória coletiva remetendo ao personagem Leocádio José Correia produzidos após seu falecimento foram diversos enunciados produzidos com a principal intenção de homenagear o morto, alguns produzidos exclusivamente para a publicação em jornais da Província do Paraná, outros, elogios fúnebres pronunciados durante os rituais funerários, mas que também foram reproduzidos nos periódicos consultados.

² Commercial. 22 de maio de 1886. Ano 1, número 141. P. 2-3.

³ Idem, P. 2.

No dia 19 de maio de 1886, um dia depois do falecimento do personagem, o jornal *Gazeta Paranaense*, de Curitiba, publicou um texto noticiando o fato e homenageando o falecido na segunda página do jornal. O texto ocupava quase que totalmente a página, das cinco colunas que a dividiam, três e meia foram preenchidas com o texto que lamentava a perda precoce do jovem médico de apenas 38 anos e transmitia a sensação de desamparo pela sua ausência:

O vácuo aberto pelo adeus final d'essa vida que apenas começava a dar-nos os primeiros fructos do talento e do trabalho, não será facilmente preenchido para aquella pobre população q'ò procurava, animada e crente nos momentos angustiosos em que os trucidados pela moléstia eram o pai, a mãe, o filho, o parente, o amigo.⁴

Ao longo da publicação, podemos observar diferentes facetas do personagem e quais representações acerca de sua imagem foram transmitidas pelo enunciador do texto: a do médico humanitário e portador de conhecimento científico extraordinário, que deixava com a morte abandonados os doentes e os pobres que dele dependiam e o cidadão ativo e ilustrado que ocupou diversas funções intelectuais nos clubes da cidade e cargos políticos de confiança do governo.

No mesmo dia da publicação acima mencionada, o periódico *Dezenove de Dezembro*, também de Curitiba, foi outro a noticiar o falecimento de Leocádio José Correia. Embora a notícia tenha saído na primeira página, apenas oito linhas traziam a informação de maneira bastante objetiva e prestava condolências ao cunhado do falecido, Constante de Souza Pinto⁵.

Observou-se uma grande diferença entre as duas publicações da mesma data, enquanto a primeira trouxe um texto comovente e que enalteceu a figura do morto e nos proporciona até mesmo a possibilidade de perceber algumas representações do personagem, a segunda simplesmente noticiou um fato, citando que o falecido era inspetor de saúde da cidade de Paranaguá. Essas questões ligadas à materialidade

⁴Gazeta Paranaense. 19 de maio de 1886. Ano X, Número 110. P. 2.

⁵ Foi casado com Francisca Correia de Souza Pinto. Foi agente do correio na cidade de Paranaguá e capitão da Guarda Nacional da Comarca de Curitiba.

discursiva podem ser melhor esclarecidas nos remetendo a condições de enunciação como autoria, lugar e cena enunciativa.

Nenhuma das duas publicações traz informações de sua autoria, característica muito comum no período, o que nos leva a atribuir as publicações ao editorial do periódico. O *Dezenove de Dezembro* foi o primeiro periódico da Província do Paraná, seu primeiro número foi publicado em 01 de abril de 1854, poucos meses após a emancipação do Paraná e sua transformação em Província. O proprietário do jornal era Candido Martins Lopes, que havia se instalado no Paraná a pedido de seu primeiro presidente, Zacarias de Vasconcelos. (CORRÊA, 2006: 34) Após seu falecimento, em 3 de janeiro de 1872, o jornal passou a ser propriedade da viúva e de seus filhos, até 23 de setembro de 1884, quando Jesuino da Silva Lopes passou a ser seu proprietário e editor.

O *Dezenove de Dezembro* iniciou suas publicações como um jornal semanal, em 01 de janeiro de 1884 iniciou uma nova fase em que passou a ser publicação diária, foi também o primeiro periódico do Paraná publicado diariamente. Desde sua criação os editores e proprietários fizeram questão de apregoar que a publicação tinha neutralidade político-partidária e permaneceu por muito tempo sendo a folha oficial da província, onde eram publicadas as correspondências oficiais, decretos, leis e atas da câmara provincial, além de outros documentos oficiais. A partir de 5 de setembro de 1885, entretanto, essa característica mudou drasticamente, pois o jornal se fundiu ao periódico *Província do Paraná* e passou a ser declaradamente Órgão do Partido Liberal da Província e seus proprietários Jesuino Lopes e Pinheiro.⁶

Este fato demonstra que antes o jornal já tinha uma orientação liberal, mas que só a partir desta data, ao se fundir a outro periódico liberal, declarou publicamente sua orientação, que pode claramente ser percebida no teor de várias publicações que traziam críticas contundentes aos políticos conservadores da província, como pudemos perceber ao acompanhar a trajetória política de Leocádio José Correia. Não é possível precisar, entretanto desde quando ocorreu essa preferência política por parte dos editores e proprietários do periódico, tendo em vista que nas década de 1870, período em que inicia o recorte temporal de nossa pesquisa no jornal, este parecia assumir um posicionamento realmente muito mais neutro, em 1885, entretanto, percebemos claramente a preferência política liberal.

⁶Dezenove de Dezembro. 5 de setembro de 1885. Ano 32, Número 195. P. 1.

Na ocasião da morte de Leocádio José Correia, portanto, atribuímos as poucas linhas dedicadas a noticiar seu falecimento e a ausência de qualquer homenagem ao morto a este panorama político instaurado desde anos anteriores. O jornal que tanto se opôs aos conservadores, à família Correia e especificamente ao personagem durante parte de sua trajetória, foi o mesmo a silenciar qualquer referência positiva à sua biografia na ocasião de sua morte, dirigindo-se ao cunhado Constante de Souza Pinto, de quem era possivelmente simpatizante. Identificamos aqui o silenciamento do jornal como uma possível estratégia para levar ao esquecimento, acreditamos ser esta estratégia o que Eni Pulcinelli Orlandi denominou de silêncio constitutivo, como parte de uma política de silenciamento. O silêncio constitutivo pertence à ordem de produção de sentido no discurso, sua característica é dizer algo, que é o sentido a ser destacado, para deixar de dizer outras tantas informações, que seriam os sentidos a serem descartados. (ORLANDI, 2007: 73-74) Neste caso, o jornal não poderia deixar de dar a informação da morte de Leocádio, mas o fez de maneira breve e não destacou os aspectos de sua biografia conforme fizeram os outros periódicos consultados e citados. Ao fazê-lo, destacou somente sua posição de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e deu destaque a outra figura: o cunhado Constante de Souza Pinto, retirando de cena o personagem principal.

O jornal *Gazeta Paranaense*, por sua vez, passou a ser publicado em 1876 como Órgão do Partido Conservador da Província. Atribuímos a essa característica a presença das constantes publicações elogiosas aos conservadores e em sua defesa no caso de sofrer acusações por parte dos periódicos liberais. Dentre essas publicações acompanhamos as constantes defesas a Leocádio José Correia em casos conflituosos ao longo de sua vida, assim como as homenagens fúnebres publicadas na folha até um ano depois de seu falecimento.

Além dos periódicos publicados em Curitiba de circulação por toda a província, podemos citar ainda um periódico local, publicado em Paranaguá, como outro importante meio de difusão discursiva memorialista, trata-se do jornal *Commercial*. Este periódico começou a ser publicado em 20 de fevereiro de 1886 na tipografia do proprietário Manoel M. Marinho, este, membro do Club Litterario e muito provavelmente amigo pessoal de Leocádio José Correia. O jornal de publicação semanal dedicava uma parte da publicação aos interesses comerciais da província, além de

sessões dedicadas a notícias locais de Paranaguá e publicações de textos pessoais, literários e correspondências. Seu proprietário defendia também o caráter de imparcialidade política do periódico, a despeito disso, encontrava-se em diversos números elogios voltados a políticos conservadores do litoral.

A aproximação entre o periódico, ou pelo menos, entre seu editor proprietário e Leocádio José Correia ficou evidente em sua trajetória como inspetor paroquial de escolas e foi assim também na ocasião de seu falecimento, quando duas páginas foram dedicadas a noticiar os eventos funerais e os discursos realizados sobre o túmulo do médico, além de outras homenagens póstumas. No dia 22 de maio de 1886, por exemplo, o *Commercial* trouxe um texto exclusivo em homenagem ao Doutor Leocádio José Correia assinado por seu proprietário, Manoel M. Marinho, no qual atribuía ao morto as características de homem dedicado à ciência médica e à caridade, além de pai de família exemplar e portador de inteligência e ilustração extraordinários.

A morte é assim desapiedada!

Ella mata o corpo, mas não o nome de sua victima; Ella mata a vida, mas não os serviços, a fama e os lauréis do homem! Como Dr. em medicina não podia o inditoso finado prestar melhores serviços á sua terra natal, pois a caridade refulgia em sua frente de apostolo da sciencia e em seu coração de adepto da religião de Christo. E essa virtude se aninha somente nos corações bem formados e religiosos.⁷

As comemorações a Leocádio José Correia prosseguiram nos momentos posteriores a sua morte, e assim como algumas homenagens anteriores, extrapolaram os limites da cidade de Paranaguá atingindo outras regiões da província. Na semana seguinte ao falecimento os familiares, dentre eles a esposa Carmela Cysneiros Correia através da imprensa agradeciam àqueles que acompanharam o funeral e convidavam para a missa de sétimo dia que se realizou no dia 24 de maio, às oito horas da manhã, na Igreja da Ordem Terceira, em Paranaguá.⁸ Da mesma forma, os familiares de Curitiba divulgaram através dos jornais a realização de uma missa de sétimo dia na Igreja Matriz

⁷Commercial. 22 de maio de 1886. Ano 1, número 14. P. 1.

⁸Commercial. Commercial. 22 de maio de 1886. Ano 1, número 14. P. 3.

de Curitiba, que ocorreu às oito e meia da manhã do dia 24 de maio.⁹ Na cidade de Castro também houve homenagem póstuma a Leocádio José Correia, através de uma missa de sétimo dia encomendada pelo amigo Comendador Manoel Jacintho Dias¹⁰, que era capitão honorário do exército, comendador da Ordem da Rosa e provavelmente correligionário do Partido Liberal¹¹.

No dia 4 de junho a Gazeta Cananéa, da localidade de Cananéa também publicou uma homenagem assinada por Virgílio Vianna prestando condolências à família do finado, esta foi reproduzida posteriormente pelo *Commercial* e qualificava Leocádio José Correia como uma alma benfazeja, um cidadão distintivo, amigo dedicado, pai extremo e esposo exemplar, trabalhador dos adiantamentos modernos, companheiro sincero nas lutas partidárias e protetor da infância desvalida.¹²

Em 8 de junho, para celebrar 20 dias da morte do parnanguara, mais um texto em tom dramático foi escrito e publicado no jornal *Commercial* de 16 de junho. Ao falecido eram atribuídas as características de uma personalidade superior, que mesmo tendo contendores não deixava de apresentar as boas qualidades; da imparcialidade, da modéstia, do cavalheirismo, da sinceridade e da abnegação:

Pela modéstia, pelo cavalheirismo e sinceridade deve antes ser considerado aquelle character bondoso que levou deste mundo com as bênçãos dos pobres a gratidão dos remediados.

Quantas vezes aos seus trabalhos clínicos deu elle somenos importância! Quantas!... Podia ter levantado uma fortuna, e não passou nunca de certa abastança que se nivellava a ter com que preencher as palpitantes necessidades da vida.

A sua melhor apologia está no facto de não ter enriquecido, porque foi um abnegado.

...

Viveu mais pelo ideal, destacando-se pela grandeza d'alma e sempre e em tudo por cima de mediocridades.¹³

⁹ Dezenove de Dezembro. 23 de maio de 1886. Ano 33. Número 114. P.3; Gazeta Paranaense. 22 de maio de 1886. Ano 10. Número 113. P. 3.

¹⁰ Commercial. 29 de maio de 1886. Ano 1, número 15. P.2.

¹¹ Dezenove de Dezembro. 22 de dezembro de 1883. Ano 30, número 82. P. 3.

¹² Commercial. 16 de junho de 1886. Ano 1, número 17. P. 3.

¹³ Commercial. 16 de junho de 1886. Ano 1, número 17. P. 1.

Neste mesmo dia, às oito horas houve uma missa em homenagem a Leocádio José Correia e à noite uma sessão fúnebre nas dependências do próprio clube com a participação de grande número de sócios e outros concidadãos. Nesta solenidade foi montada uma mesa presidencial, à sua direita a tribuna do clube estava coberta de luto e foram expostos diferentes objetos que constituíam o brasão do finado, além das publicações realizadas no clube e seu retrato encerrado pelo luto. Após uma marcha fúnebre, o orador oficial, Doutor Spindola, relatou algumas realizações do falecido de maneira comovente. Em seguida, discursaram os senhores Theodorico Julio dos Santos, João Regis, Manoel Fellipe, Arthur de Abreu e João Eugenio. O discurso de encerramento ficou a cargo do padre Marcelo Anunziatta com o qual a sessão foi encerrada às dez horas da noite.¹⁴

Os discursos lamentavam mais uma vez a perda precoce do jovem médico e enalteciam aspectos de sua biografia, dentre os quais sua inserção no mundo das letras com o qual teria contribuído em Paranaguá:

Era o Dr. Leocadio um denodado athleta da litteratura!
Talhado aos mais sublimes commettimentos, o seu nome apparecia sempre em tudo que dizia respeito ao progresso instructivo.
Figurou por longo tempo na imprensa, onde, com a penna possante, soube conquistar o nome heroico de intrepido jornalista!
Como inspector parochial, cargo que por varias vezes exerceo com tanta competencia, incutio preciozo estímulo não só na juventude, que aprende, mas tambem no professorado que ensina!
Em uma palavra: o Dr. Leocadio, era um dos grandes homens que enobrecem o gloriozo ról das illustrações paranaenses! (ARAUJO, 1901: 12)

Pudemos observar também mais uma vez o aspecto da caridade atribuída ao seu ofício de médico, quando os oradores dedicam especial atenção a destacar que a população pobre tinha muito a lamentar o desaparecimento do médico:

Bastante razão tem a pobreza de assim prantear a morte do Dr. Leocadio; por quanto, elle, dotado como era dos mais puros sentimentos

¹⁴ Commercial. 16 de junho de 1886. Ano 1, número 17. P. 2.

de generosidade, salvou a vida a muitos infelizes, enxugando d'ess'arte muitas lagrimas, sem que, por um momento pensasse na recompensa aos seus serviços!

E com que desvêlo dispensava gratuitamente aos pobres os recursos de sua profissão!

Era admiravel a paciencia unida á competencia com que cuidava de um enfermo!

(...)

O Dr. Leocadio José Correia era, enfim, um dos filhos mais dilectos de Paranaguá... um medico altamente illustrado... um protector... um pae da pobreza e um amigo fiel dos seus amigos! (ARAÚJO, 1901: 13-14)

Na celebração pelos trinta dias de falecimento, outros discursos reafirmando as qualidades de Leocádio José Correia seriam publicados. Um deles, sem informações de autoria, somente com a informação de que fora produzido em Paranaguá, foi publicado na sessão a pedidos da *Gazeta Paranaense*, o que evidencia que algum concidadão de Leocádio pagou ao jornal de Curitiba para ter seu texto publicado. Neste, além de lamentar novamente a perda do parnanguara, exaltava as homenagens prestadas pelo vigário Marcelo Anunziatta, tanto durante o ritual fúnebre quanto na sessão solene organizada pelo *Club Litterario* dias antes. Neste discurso a qualidade mais destacada pelo enunciador foi a atuação do personagem no campo educacional da província, ao evidenciar seu alto grau de ilustração e os possíveis esforços do médico com relação à instrução pública:

Por si só, n'esse campo que seus pulsos valentes desbastaram, elle fez o que humanamente lhe era dado fazer, levantando o móvel da instrucção derramando o estímulo e galardoando o mérito.

Parecia, n'esse terreno que escolhera para medir a tensão de suas forças, o emissário da Provincia, ganhando incruentas batalhas e abrindo rasgados horizonte aos espíritos de aspirações limitadas. Um homem como elle, que de coração almejava a gloria pelo saber da mocidade, que, em ondas de luz, espalhára a verve fecunda de sua imaginação scintillante, na conversação e nos escriptos, não sonhava, com certeza, com desparição tão próxima.¹⁵

¹⁵Gazeta Paranaense. 18 de junho de 1886. Ano 10, número 134. P. 3.

Enquanto os periódicos *Gazeta Paranaense* e *Commercial*, mais alinhados a Leocádio José Correia continuavam a homenageá-lo e registrar as qualidades positivas do personagem o *Dezenove de Dezembro* permaneceu silenciado a seu respeito, tendo somente registrado a pequena nota que noticiou seu falecimento e pequenos anúncios de missas de sétimo dia, estes, provavelmente pagos pela família. Até que seu número 182, de 16 de agosto de 1886, rompeu com o silêncio e voltou a se remeter a Leocádio, não para homenageá-lo, mas para opor-se a ele, mesmo não citando seu nome, o que também faz parte da estratégia componente do silêncio constitutivo, pois dizer o nome seria fazer lembrar, mesmo que fossem destacados na notícia aspectos que prejudicariam a imagem do personagem. Mesmo após sua morte o periódico fazia acusações de que o médico, no exercício do cargo de Inspetor de Saúde teria inventado uma epidemia de febre amarela naquele mesmo ano em navios que atracaram no porto de Paranaguá, isso colocava em dúvida a probidade do inspetor, que teria se aproveitado financeiramente da fictícia epidemia. A nota publicada no jornal dizia o seguinte:

A intitulada – febre amarella – em Paranaguá custou ao governo mais de dez contos de réis!
O enterro de um indigente, intitulada victima da tal febre amarella, custou cerca de quinhentos mil réis!
Um reboque dado por ocasião da imaginaria e inventada epidemia custou 500\$000!
Com semelhantes economias em pouco tempo o Erario estará transbordando.....¹⁶

Como por várias vezes ocorreram ao longo de sua vida, o caso gerou polêmica, evidenciada por publicação em defesa do médico no *Commercial* de 23 de agosto daquele ano. O jornal parnanguara convidava o médico da cidade, Doutor João Evangelista Espíndola, que substituiu Leocádio José Correia durante sua enfermidade, a se manifestar em defesa daquele. Indagava se não era verdade que o médico esteve a serviço da epidemia e fez requisições de medicamentos à farmácia Simas durante a enfermidade do inspetor. A intenção do *Commercial* era limpar a memória de Leocádio que havia sido denegrida, em sua opinião, pelo jornal curitibano: “O Dezenove

¹⁶Dezenove de Dezembro. 16 de agosto de 1886. Ano 33, número 182. P. 1.

pretendeu ferir a memória respeitável do inditozo Dr. Leocadio Correia, errou porém o golpe, que hade ser rebatido com vantagem pelo Dr. Espindola, o qual felizmente existe ainda entre nós.”¹⁷

Aparentemente o caso não se estendeu pelos números seguintes, mas evidencia que a morte não foi capaz de apagar nem as divergências políticas, nem as amizades pessoais alavancadas pelos interesses intelectuais ou políticos. Assim, as aproximações e distanciamentos mantidos pelo personagem durante sua vida continuaram evidentes após seu falecimento. É o que podemos inferir a partir das homenagens prestadas pelos “amigos” e pelo silêncio do Dezenove de Dezembro, brevemente quebrado neste caso acusatório.

4. Comemorações no primeiro ano de falecimento

No ano seguinte, 1887, observamos ainda algumas manifestações de homenagens a Leocádio José Correia. O *Commercial* lembrou a passagem de um ano de seu falecimento noticiando que houve missa por sua alma na capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões.¹⁸ Já a *Gazeta Paranaense*, em 2 de abril daquele ano publicou um texto escrito por Leocádio José Correia a respeito da semana santa, este já havia sido publicado cinco anos antes no Jornal *Itiberê* e foi retomado nesta publicação, que evidenciou mais uma vez a representação de médico caridoso e desinteressado e destacou sua moral ligada à religiosidade católica: “É uma homenagem que prestamos ao amigo sempre lembrado, ao comprovinciano distinto, ao cidadão illustre e ao medico que fez da sciencia uma religião sublime que enxugou muitas lagrimas da pobreza e deu conforto a muitas almas nos transes angustiosos de dolorosissimas enfermidades.”¹⁹ Em 18 de maio o periódico voltou a homenagear o finado personagem com uma publicação especial pela passagem de um ano de seu falecimento.

Há um anno que falleceu em Paranaguá o Dr. Leocadio Correia, e tão intensa foi a dor que então sentio a população d’aquella cidade que parece que ainda hoje sangra vivamente a ferida aberta por tão inesperado golpe.

¹⁷Commercial. 23 de agosto de 1886. Ano 1, número 26. P. 2.

¹⁸Commercial. 21 de maio de 1887. Ano 2, número 65. P. 2.

¹⁹ Gazeta Paranaense. 3 de abril de 1887. Ano 9, número 71. P.2

A Gazeta paranaense não podia deixar de render a homenagem posthuma ao paranaense distinto pelo seu talento tanto illustrou a sua província, e que pela sua alma limpidíssima sobrenadou sempre no mar em cujo fundo entrechocam-se as condenáveis paixões.²⁰

A referida homenagem foi uma publicação que ocupou toda a primeira página do jornal, no qual um texto pesadoso ocupou o formato de uma cruz envolta por uma caixa de texto, no topo da página estava o nome de Leocádio José Correia em letras garrafais e rodeando a caixa que carregava o texto cinco palavras: Deus, Pátria, Justiça, Liberdade e Família. Nesta homenagem percebemos o esforço do autor em remeter à tristeza que se abateu sobre a cidade de Paranaguá, tristeza da qual ainda não havia se recuperado, após a morte do personagem ilustre.

O texto apresenta além das representações já bastantes difundidas de filho, irmão, pai, esposo e amigo dedicado e médico prestativo, a de um verdadeiro paladino da cidade, um dos mais ilustres cidadãos e defensor das causas parnanguaras, como se não houvesse nenhum outro como ele, apresenta-o como um personagem singular ainda chorado pelos concidadãos pelos benefícios que representava à cidade, pela sua ilustração e suas habilidades de oratória, um verdadeiro vulto paranaense e parnanguara.

Encerrando essa série de rituais e discursos em homenagem ao personagem, encontra-se ainda a proposta de lei apresentada à Câmara Municipal de Paranaguá na sessão extraordinária de 13 de junho de 1887 pelo vereador João Guilherme Theodorico de Souza, que propôs a mudança de nome da Rua da Misericórdia para Rua Dr. Leocádio. A proposta foi aprovada pela Câmara e até a atualidade a rua Dr. Leocádio permanece com este nome. Mais uma vez percebemos um esforço, desta vez por parte do poder público municipal, de manter o nome do médico presente na memória dos parnanguaras através de um local ligado ao personagem. Nessas últimas duas homenagens citadas percebemos uma característica que será acentuada nos anos seguintes: às representações do personagem como médico caridoso, pai e marido exemplar, amigo prestativo se alia a do cidadão ilustre, seja pelo exercício da profissão

²⁰ Gazeta Paranaense. 18 de maio de 1887. Ano 9, número 109. P. 3

como a de um sacerdócio, seja pelas atividades intelectuais e políticas às quais esteve ligado.

5. Considerações finais

Consideramos os rituais acima, como *atos de memória coletiva* envolvendo o personagem Leocádio José Correia, pois foram os primeiros rituais e discursos realizados em sua homenagem após seu falecimento e tiveram uma importante função de compartilhamento de representações acerca da imagem deste personagem e contribuíram para o estabelecimento de um imaginário em torno dele. Entendemos os *atos de memória coletiva* como marcos memoriais comuns a indivíduos de um mesmo grupo ou vários grupos, que compartilharam representações memoriais acerca do personagem. Vimos que ao compartilhar determinadas representações, outras, não muito auspiciosas a uma imagem positiva que se pretendia propagar, foram silenciadas e aos poucos foram relegadas ao esquecimento, assim ocorreu com as polêmicas envolvendo a vida do personagem enquanto médico e detentor de cargos políticos na província do Paraná.

É importante perceber, ainda, a importância de um nível intermediário entre a memória individual e a memória coletiva que são os *próximos*, ao qual chamou a atenção Paul Ricoeur, ou seja, as pessoas que contam para nós e para as quais contamos, que estão situadas numa faixa de variação entre o si e os outros, são aqueles que aprovam a nossa existência e cuja existência aprovamos na reciprocidade e na igualdade da estima, a proximidade seria a réplica da amizade. Ricoeur defende, assim, que não se deve entrar no campo da história somente com a suposta polaridade entre memória individual e coletiva, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros. (RICOEUR, 2007: 114-142)

As pessoas próximas a Leocádio José Correia, indivíduos que constituíram eles mesmos suas representações do personagem de maneira subjetiva, a partir de suas próprias experiências pessoais com o falecido, foram as mesmas responsáveis, através dos diferentes atos, como a participação nos rituais e as diferentes elaborações discursivas, a propagar essas representações compartilhando-as e dando assim, um caráter coletivo a suas experiências individuais, podemos supor, que essas



representações transformadas em discursos puderam ser apropriadas por indivíduos outros, que construíram assim novas imagens do personagem.

Referências

- ARAUJO, Manoel D. de. **Discurso pronunciado na Sessão Fúnebre celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocadio José Correia falecido a 18 de maio de 1886.** In.: Discursos pronunciados na Sessão Fúnebre celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocádio José Correia falecido a 18 de maio de 1886. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1901. P. 9-15.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer.** São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.
- CATROGA, Fernando. Memória e História. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Fronteiras do Milênio.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- Commercial. 22 de maio de 1886. Ano 1, número 141.
- Commercial. 29 de maio de 1886. Ano 1, número 15.
- Commercial. 16 de junho de 1886. Ano 1, número 17.
- Commercial. 23 de agosto de 1886. Ano 1, número 26.
- Commercial. 21 de maio de 1887. Ano 2, número 65.
- CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa e política no Paraná: **Prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX.** Dissertação de Mestrado. Sociologia. UFPR. 2006.
- Dezenove de Dezembro. 22 de dezembro de 1883. Ano 30, número 82.
- Dezenove de Dezembro. 5 de setembro de 1885. Ano 32, Número 195.
- Dezenove de Dezembro. 23 de maio de 1886. Ano 33. Número 114.
- Dezenove de Dezembro. 16 de agosto de 1886. Ano 33, número 182.
- Gazeta Paranaense. 19 de maio de 1886. Ano X, Número 110.
- Gazeta Paranaense. 22 de maio de 1886. Ano 10. Número 113.
- Gazeta Paranaense. 18 de junho de 1886. Ano 10, número 134.
- Gazeta Paranaense. 3 de abril de 1887. Ano 9, número 71.
- Gazeta Paranaense. 18 de maio de 1887. Ano 9, número 109.
- ORLANDI, Eni Puncinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.P. 73-74.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.